

# PARA A HISTÓRIA DA "CIDADE VELHA" DE SANTA LUZIA

## Sondagens arqueológicas realizadas na década de 90 do séc. XX

Por CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA\*

### 1 – Introdução

O monte de Santa Luzia, assim é chamado porque ali havia uma capela dedicada a *Lucia di Siracusa* martirizada no ano de 304 durante a violenta perseguição aos cristãos, ordenada pelo imperador Diocleciano, o mentor da tetrarquia imperial. O seu culto rapidamente se propagou pela Itália – está sepultada na catedral de Siracusa - e depois pela Europa ocidental, estando a sua mais antiga representação iconográfica (séc. VI) patente num mosaico de Santo Apolinário Novo em Ravena, já que integra o cortejo das Santas Virgens. Considerada como taumaturga das enfermidades da visão, é normalmente representada com a palma que identifica os mártires e com uma bandeja ou taça o de sobressaem dois olhos, atributos específicos do seu poder interventivo (Réau, 2001, p. 267-271).

A capela dedicada a Santa Luzia foi construída sobre um velho castro da Idade do Ferro. Até aqui não há novidade de maior pois muitos dos sítios arqueológicos foram purificados pelo cristianismo

\* Prof. da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

com cruces gravadas nas penedias, cruzeiros, igrejas e capelas. Exemplos desta prática abundam um pouco por toda a bacia limiana. O interessante da questão é que a invocação escolhida para expurgar, aqui, os malefícios que normalmente habitam os montes, os bosques e os cursos de água – Dianas, Fadas, as Lamias de São Martinho de Dume, as mouras e as feiticeiras (Almeida, 1981, 202-212; Giordano, 1983, 162-169) – foi a virgem siciliana tida como protectora contra a cegueira e advogada dos males que afligem a visão.

A purificação dos montes, onde se sabia que havia castros e castelos fez-se, nesta região e já na Idade Media, à custa de santos, tidos como “antigos” dentro do cristianismo. É o caso da capela de São Lourenço que aparece a ocupar a acrópole do castro fronteiriço a Esposende, de São Cristóvão que marca a portela meridional da Cidade de Belinho, de São Tiago que observa, bem de perto, o alto do Castelo de Neiva, de São Silvestre ocupa uma boa fatia do castro de Cardielos, de Santo Ovídio que tutela o monte sobranceiro a Ponte de Lima, de Santo Estevão que lançou raízes sobre um dos mais importantes povoados da Idade do Ferro do vale do Lima e da genérica invocação mariana “Nossa Senhora” que tutela dois sítios com habitats da mesma época, no vale inferior do Lima. Um é a Senhora do Crasto em Deocriste; o outro é a Senhora do Crasto ou seja o “Castro Mau” da documentação medieval, situado bem junto ao convento beneditino de S. Romão de Neiva, transformado em local precatório sempre que a chuva não chegava para salvar o ano agrícola.

Então o porquê da escolha de Santa Luzia como patrona de um dos pontos mais salientes da “Cidade Velha”?

A não ser mais antiga, sabe-se que a capela dedicada a Santa Luzia, já por ali andava no começo da época moderna (Costa, 1869, 166), havendo mesmo quem afirme que a ela foi reconstruída em 1664 e ampliada em 1712, só que debaixo de outras invocações (Alpuim, 1989, 13). Dubitativo é ela ter tido Santa Águeda como invocação



Fig. 1 – fotografia área do Castro de Santa Luzia

primeira e depois ter mudado, no início do séc. XVIII, sem razão aparente para Nossa Senhora da Abadia. A Santa Luzia estaria somente reservado um pequeno altar lateral. A subida a titular principal desta virgem e mártir, só teria acontecido acidentalmente, quando os seus devotos se aproveitaram de uma falha técnica, ou seja, da falta de estatutos adequados e aprovados (Alpuim, 1989, 13).

Independentemente da primazia no orago, do ponto de vista académico seria bem interessante provar-se que a invocação primária e medieva da capela assentou na figura desta santa siciliana. Se conseguíssemos fundamentar tal hipótese, poderíamos admitir que o nascimento de uma tal invocação não seria obra de um acaso ou da devoção de alguém que se sentia agradecido por contrariar as adversidades próprias de quem temia a perda parcial ou total da visão. Seria antes a expressão de um sentimento colectivo que visava conciliar o expurgo dos males da visão, com a santificação de um sítio que se prestava a acolher toda uma série de malefícios capazes de apoquentarem as populações do vale.

Por aquela altura, quem subisse a ladeira da montanha não passavam despercebidos os incontornáveis restos arquitectónicos de uma antiquíssima povoação. De acordo com os temores de então, a solução seria purificar um sítio onde havia mais que uma cintura de muralhas, casas derribadas e penedias com sinais gravados. Então estes, entre outras explicações, bem podiam ser entendidos como sinais palpáveis de uma sinalética própria das forças ocultas. Ora, se bem nos lembramos, junto do actual santuário, tinha estado, até 1922, um penedo decorado com “fossetes” (Cardoso, 1897, 172-174). As obras em volta daquele espaço levaram à destruição e de outra penedia, onde poderiam estar gravados símbolos pré-romanos de tipologia semelhante ou diferente.

Toda esta argumentação vem a propósito de haver, na parte meridional de Portugal, uma importante depósito ritual no Cerro do Castelo em Garvão. Além das inúmeras peças cerâmicas, os depósitos continham ex-votos, vidros, moedas e placas oculadas. Nos ex-votos destacam-se duas placas de prata decoradas com uma figura feminina e várias outras, em prata e ouro, onde são visíveis as representações de olhos. Este conjunto completa-se com uma cabeça feminina com um toucado, a qual que tem vindo a ser conotada com uma divindade indígena local aparentada à deusa fenícia/cartaginesa

Tanit que encontra similitudes em Deméter, ou seja, com a deusa da fecundidade e da vegetação da mundividência helênica (Correia, 1996, 101-111).

Esta divindade, com tão larga representatividade de ex-votos com simbologia oftalmológica, tem vindo a ser apontada como estando associada ao culto lunar e em certa medida, a uma outra divindade, Ataecina de seu nome, que alguns investigadores consideram também poder ser designada por *Dea Sancta*. No santuário pré-romano de Garvão, as características profiláticas desta divindade feminina, além de ter um passado bem anterior ao martírio de Santa Luzia e muito mais ao da divulgação do seu culto, continuaram bem vivas e semelhantes numa capela dedicada a esta santa, construída na periferia do outeiro. A uma distância mais ou menos semelhante apareceu no castro de São Lourenço de Vila Chã Esposende), uma ara dedicada a *Dea Sancta*.

Que relação haverá entre tudo isto? Provavelmente nenhuma, mas não nos espantaria se num amanhã, estas notas bem dispersas, viessem a ganhar consistência. A “Cidade Velha” foi em tempos bastante escavada e materialmente destruída, mas ainda reserva segredos e alguns deles bem poderão estar relacionados com a divindade que presidiu aos destinos da velha povoação. Esta bem que pode ter sido Ataecina ou divindade com características ligadas ao culto da luz, diurna e ou nocturna e porque não cingida a um grupo que intervinha na exploração do sal na costa atlântica. Já tivemos ocasião de demonstrar, que esta foi uma actividade económica importante a Norte do Douro para os povos dos castros ribeirinhos da orla marítima (Almeida, 2005, 137-170) também eles que encaixam em períodos cronológicos coevos dos depósitos votivos de Garvão: 2ª Idade do Ferro.

A capela de Santa Luzia desapareceu no vórtice dos trabalhos que haveriam de transformar a parte mais meridional do monte. Foram eles o templo dedicado ao Coração de Jesus e o Hotel de Santa Luzia.



Fig. 2 - A capela de Santa Luzia no começo do séc. XX

Quando foi colocada a estátua do Coração de Jesus, que é obra do escultor minhoto Aleixo Queiroz Ribeiro no ano de 1898, a capela ainda existia e subsistiu até 1926. A causa da sua destruição estão relacionadas com a localização e com as obras do novo templo idealizado pelo arquitecto Ventura Terra a pedido da Confraria de Santa Luzia. O terraplano, ou seja, a destruição da franja meridional do castro da Idade do Ferro começou em 1904, mas as obras da construção do corpo da nova igreja sofreram interrupções, interregnos mais ou prolongados, devidos à falta de verbas, à situação política do país derivada da instauração da República, as movimentações militares durante a 1ª Grande Guerra e da morte do próprio projectista em 1919. As obras voltaram a ficar interrompidas, recomeçando em 1925, altura em que o seu discípulo Miguel José Nogueira assegurou a continuidade do projecto (Ribeiro, 2006, 160-161).

O Hotel de Santa Luzia também tem risco de Ventura Terra. Nasceu da encomenda de um comerciante de Lisboa, José Domingos de Moraes e começou a ser construído em 1900. A sua conclusão

ocorreu uma dezena de anos depois (Ribeiro, 2006,, 185-186) mas à custa da destruição de uma parte significativa do castro. Tanto o hotel como as vias de acesso foram implantados dentro do sistema defensivo, nomeadamente a avenida que permite às viaturas aceder directamente à portaria Fig. 3).

Ao mesmo tempo que iam desenrolando tais efemérides, por muitos consideradas como o expoente máximo da civilização em Viana do Castelo e outros tantos se afadigavam em tornar idílico um espaço até ali tido como selvagem e agreste, uns poucos viam nas arruinadas casas e muralhas do castro um símbolo da História antiga da região que urgia conhecer, aprofundar e valorizar. Pode-se dizer que no deambular do séc. XIX para o XX ali se pelejava em duas frentes. Transportava-se de Paris o modelo arquitectónico do Sacré-Coeur e trazia-se à luz do dia o que restava de uma secularíssima cultura material. Finalmente, numa antevisão que hoje está na ordem do dia, dotava-se a valência religiosa e a histórico-arqueológica de uma unidade hoteleira capaz de captivar todos aqueles que pugnam por aquilo que se costuma designar de eco-turismo, dos que gostam de fruir do ar puro da montanha, das paisagens, quase infindas, que abarcam a veiga limiana e o oceano, dos que convivem com o sossego quase eremítico do sítio e relevam os ecos milenares que brotam das ruínas da velha povoação.

## **2 – As sondagens da década de 90 do séc. XX**

A “Cidade Velha” de Santa Luzia era uma grande povoação da Idade do Ferro mas foi amputada de uma significativa parte quando se construiu o Hotel, o santuário do Sagrado Coração de Jesus e os respectivos acessos.

O que na actualidade vê em Santa Luzia é o resultado de mais de uma centena de anos de trabalhos arqueológicos, espaço temporal que aumenta significativamente se tivermos presente que o amontoado de ruínas, visíveis, por detrás da capela de Santa Luzia já eram

publicamente referenciadas no séc. XVII. Em 1652, por exemplo, o autor do *Agiológico Lusitano* mencionou-as a propósito do pretensso martírio de três mártires cristãos no monte de Santa Luzia, em tempos do imperador Valeriano (Cardoso, 2002). Seguiu-se depois uma série de campanhas de escavação. As mais antigas foram as de Possidónio da Silva em 1876, seguindo-se, por ordem cronológica, as de Albano Belino em 1902, as de Tomas Simões Viana entre 1935 e 1939 e as de Octávio da Veiga Ferreira em 1974 que ali realizou com uma sondagem de pequena dimensão, mas produziu um notável trabalho ao elaborar uma planta actualizada da povoação e viria posteriormente a divulgar um conjunto de insculturas situadas no interior do povoado (Ferreira et alii, 1980, 217-227).

Passada a década de 70 do século passado só duas décadas depois é que novamente alguém se interessou pela “Cidade Velha” de Santa Luzia. Ele partiu dos Serviços Regionais de Arqueologia da Zona Norte que promoveram um plano de desmatação da área e procuraram valorizar o castro com a construção de um centro interpretativo e de um conjunto de estruturas destinadas a facilitar a deslocação e a compreensão dos que visitam o interior do povoado. Paralelamente promoveram uma série de sondagens em sítios estratégicos – agradecemos penhoradamente ao Dr. Miguel Rodrigues, o acesso os registos desta intervenção arqueológica – com a finalidade de obter cronologias, o mais possível fundamentadas.

As sondagens distribuíram-se por diversos pontos da povoação e incidiram sobre sítios anteriormente escavados, embora não na sua totalidade. Por outras palavras, percebia-se que em determinados pontos a escavação antiga tinha parado no piso da habitação ou que no exterior de algumas estruturas havia pequenas áreas praticamente intactas. Analisemo-las em pormenor na planta elaborada em 1994 com as estruturas numeradas (Fig. 4).

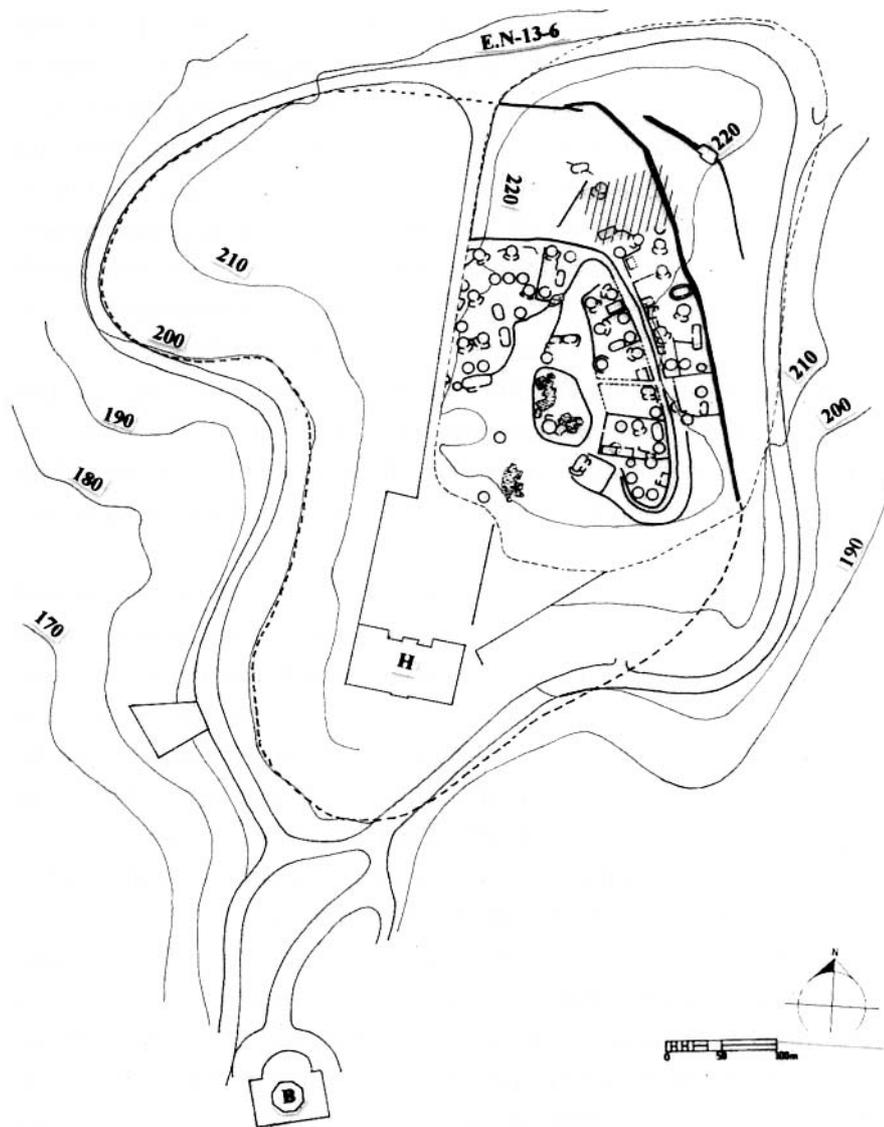


Fig. 3 – planta topográfica do monte com castro, hotel e Santuário do Sagrado Coração de Jesus

## 2. 1 – Acrópole

A acrópole ou cerca amuralhada ocupa o ponto mais elevado do povoado. Tem uma configuração elipsoidal e mede 30m de comprimento por 20m de largura. A espessura média da parede oscila entre o 1,20 e o 1,25m (Viana e Oliveira, 1954, 10). Ao longo do seu perímetro, esta muralha tanto assenta directamente sobre a penedia, que para o efeito foi cortada, adaptada e afeiçoada, como incorpora ao nível de alicerce grandes blocos de granito, razoavelmente aparelhados. O produto final pode definir-se como uma estrutura suficientemente sólida, capaz de defender um reduto, sem destoar num conjunto que, além de funcional, pretendia também ser equilibrado.

A única entrada está voltada a Poente. A porta, com uma largura de 1,30m, foi feita com pedras esquadriadas de razoável recorte técnico. O acesso à porta faz-se através de dois degraus, também eles feitos em lajes de granito, razoavelmente aparelhadas marcadas pelo desgaste.

Este recinto terá tido uma função análoga à do Castro do Monte Mozinho em Penafiel (Almeida, 1977), só que ao invés daquele, este é muito pedregoso, muito por causa das camadas arqueológicas que foram retiradas por altura das anteriores intervenções. Com elas também foi sacada a pedra tombada proveniente do derrube muralha e dos muros de uma casa circular provida de um amplo vestíbulo orientado para Nordeste. Esta era a única construção que ali havia, algo que nunca foi detectado no interior do recinto do Monte Mozinho. Na planta topográfica está identificada com o nº 7 (fig. 4).

Está casa, para além de ser a única construção no interior deste recinto, está praticamente encostada ao muro que define o espaço da acrópole e situa-se do mesmo lado da porta, só que a Sul desta. Com os muros praticamente ao nível de alicerce, tem parede dupla, 0,55m de largura e assentou na penedia existente. Aliás é nítido que, a par das pedras com bom pico e esquadria, na sua construção foram postas outras onde não há qualquer tipo de preparação prévia,

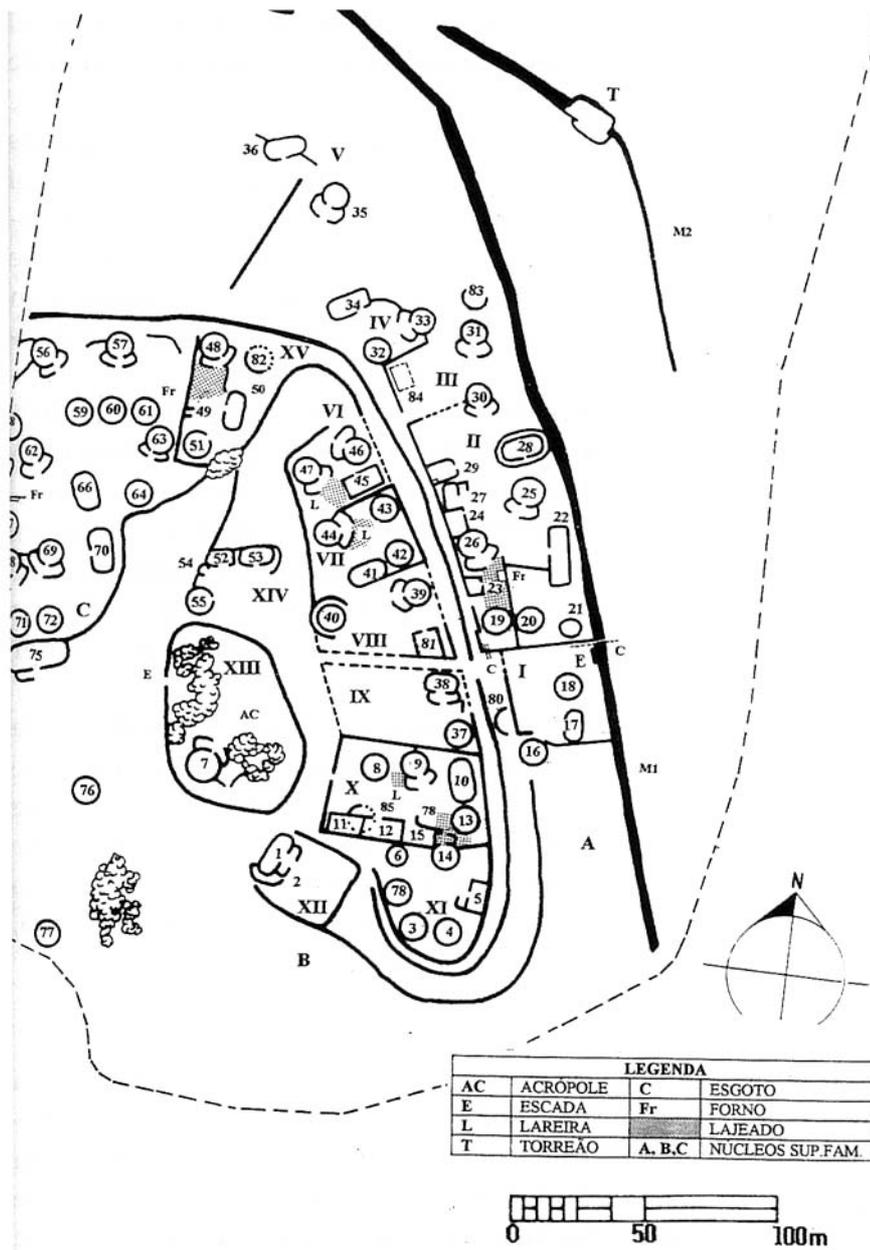


Fig. 4 – Planta topográfica feita em 1974 por O. da Veiga Ferreira

o que faz pensar num tipo de construção que aproveitou o material pré-existente, conjugando-o com aquele que foi necessário talhar de novo.

No interior desta casa está à mostra a penedia e entre ela algumas bolsas de terra, mas não o piso da habitação que já desapareceu. Foi numa delas, junto à parede oeste da casa, que foi efectuada a sondagem, mas sem qualquer resultado prático, pois não havia mais que uma escassa camada de terra acastanhada, na qual se misturavam fragmentos de cerâmica comum de época romana, frustres e incharacterísticos com único bocado de cerâmica castreja.

Gorada a hipótese de obter-se no seu interior a pretendida análise estratigráfica, fez-se uma outra tentativa na parte de fora, num espaço que medeia entre a parede da acrópole e a asa oeste do vestíbulo. A sondagem, tal como a anterior, nada adiantou em termos crono-estratigráficos, porque havia somente uma camada de terra acastanhada e nela alguns fragmentos de cerâmica castreja. Nesta o destaque está num fragmento de uma asa de panela de asa interior com a secção em D.

Acidental ou não, esta sondagem facilitou a descoberta de uma espécie de caixa sub-trapezoidal, formada pela parede da casa e dois penedos, um dos quais muito afeiçoado e com uma ranhura que poderia sido feita para apoiar uma tampa. A confirmar-se a hipótese de caixa é provável que seja algo de semelhante ao que Armando Coelho considerou para a Cividade de Terroso e Cividade de Âncora, estruturas de carácter funerário (Silva, 1986, 43).

## **2. 2 – Núcleo habitacional V**

A este sector correspondem as casas C36 e C35 (Fig. 4), esta última é uma das mais setentrionais que se descobriram no povoado. Trata-se de uma habitação circular com um átrio bem proporcionado, cuja entrada está voltada a Sudoeste. A parede tem 0,45m de largura e tal como as demais, é dupla, com a pedra de maior tamanho na face exterior, tendo alguma dela a face bem picada.

Pormenor interessante está na soleira da porta, que com 1,08m de largura foi feita com 3 lajes razoavelmente aplanadas sem vestígio dos orifícios onde encaixavam os gonzos da porta. Estes estão bem patentes nas pedras que formam a soleira do vestíbulo, o que significar que a casa tinha as necessárias aberturas, mas a haver porta esta estaria somente no vestíbulo. A ser assim, qual seria a real altura das paredes do vestíbulo, sabendo-se que a chuva frustraria o monte precisamente de sudoeste?

Nesta casa foram efectuadas duas sondagens: uma no interior, a outra no vestíbulo. Como as estratigrafias não são coincidentes, vamos analisar cada uma separado.

### **2.2.1 – Leitura estratigráfica no interior da casa C35**

À imagem do ocorreu nas parcelas do castro anteriormente escavadas, todas as camadas arqueológicas haviam sido retiradas até a altura do piso. Por isso a camada superficial que actualmente o cobre, é de formação recente, não tendo portanto qualquer interesse arqueológico.

1 - Piso de saibro compacto, amarelo, mas em adiantado estado de desagregação.

2 - Terra acastanhada. É uma camada de nivelamento para lançamento do piso.

3 - Camada de enchimento da vala de fundação.

4 - Camada de terra saibrenta de cor clara. Enche uma possível cova de extracção de saibro.

5 - Antiga camada vegetal, de coloração castanho-escura na parte superior, por força da decomposição orgânica.

6 - Terreno natural de composição granítica.

### **2.2.2 – Leitura no átrio da casa**

O corte foi efectuado, mesmo em frente das duas portas.

1 - Camada de terra com raízes e ervas. Trata-se de um estrato de formação posterior às primeiras escavações.

2 - Piso. Composição à base de saibro amarelado, compacto, mas violado na parte central por uma raiz já decomposta.

3 - Terra castanho-escura, que também sofreu a intromissão das raízes.

4 - Camada de terra acinzentada, tonalidade que advém de as raízes terem entrado em decomposição. Enchimento e nivelamento do átrio da casa.

5 - Antigo vegetal.

6 - Terra saibrenta resultante da decomposição da rocha natural.

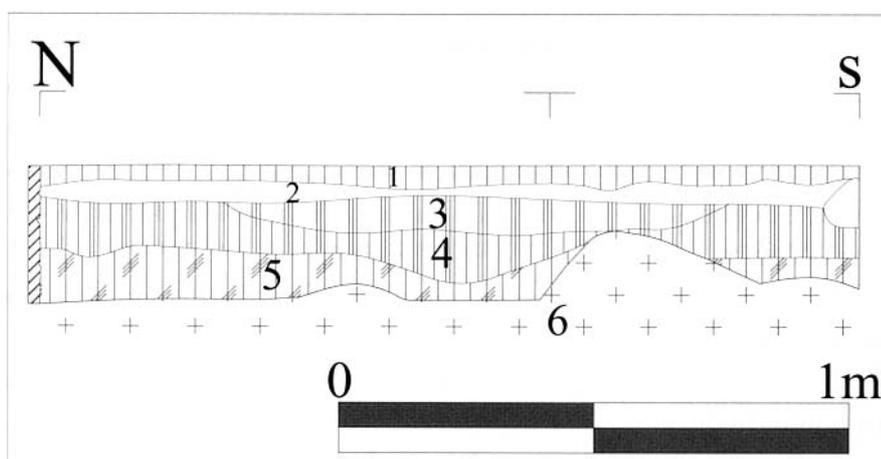


Fig. 5 - Leitura estratigráfica no interior do átrio

A ilação a tirar destas duas leituras é que estamos perante uma casa de habitação que foi construída em local anteriormente livre de construções e que esta não foi sujeita a nenhuma remodelação de fundo. A cerâmica que é escassa e também tipologicamente imprecisa – são somente 5 os fragmentos recolhidos - não adianta muito quanto à cronologia.

A construção seguiu as normas usuais neste tipo de habitações, pois tem uma vala de fundação a cortar uma antiga camada de nivelamento e sobre ela um piso de saibro bem calcado que cobre interior e vestíbulo da casa.

### **2.3 - Núcleo IV**

Este núcleo é composto pelas casas C32, C33 e C34.

A C32 tem forma circular, ao passo que a C34 é uma construção híbrida, alongada, já que conjuga de um lado ângulos rectos com boa esquadria, enquanto o oposto é claramente sub-circular. Tem uma ampla porta voltada para Sudeste e exteriormente está unida a um muro que deve ser interpretado como de uma mais que provável delimitação de um núcleo familiar. A confirmar-se esta hipótese, este núcleo comportaria, para além desta, a C32 e a C33.

A casa C33 é o elemento central dês núcleo familiar. Encontra-se em posição central e unida às demais por um bem definido muro de divisão de espaço familiar. É uma casa circular provida de um clássico vestíbulo orientado, tal como as duas aberturas para um amplo terreiro, outrora lajeado que funcionou com espaço familiar. Para ele também se orienta a abertura da C34 e certamente da C32, sem abertura visível, mas que se poderá explicar porque esta construção estar ao nível de alicerce.

#### **2.3.1 - Casa C32**

A sondagem que aqui foi feita em nada difere das anteriores. A novidade está nos vestígios de uma construção anterior sobre os quais assentaram os alicerces desta.

A estratigrafia desta casa tem uma leitura quase ilegível. Sabe-se que o solo natural é constituído por saibro em desagregação na qual foram abertos os rasgos para assentamento do alicerce da casa e que sobre ele se formara uma camada de terra escura, com restos de raízes, à qual poderemos apelidar de antiga cobertura vegetal já

que foi sobre ela que os construtores assentaram o piso habitacional. Este está muito danificado, mas subsiste o suficiente para perceber que houve um certo cuidado no seu fabrico.

O espólio não sendo muito, é todavia significativo e mesmo elucidativo, porque conjuntamente com as cerâmicas de produção indígena, ditas castrejas, há ânfora, cerâmica comum de época romana e mesmo alguns fragmentos, mais tardios aos quais se pode atribuir a época visigótica.

As cerâmicas castrejas são todas feitas à roda. Predominam as pastas castanhas, com desengordurante à base de areia e mica e uma cozedura de média qualidade. No tocante às formas, destacam-se as painéis de asa interior, os *dolia*, os púcaros e os potes para cozinhar.

Nas cerâmicas romanas, predominam os fragmentos de ânfora, que são vários e de distintos fabricos. As pastas, porosas, têm tonalidades que oscilam entre o beije-amarelado, o rosa e mesmo o laranja. Nas formas, a única que é identificável é um bordo Haltern 70. Da cerâmica comum de época romana, pouco há a dizer. Os fragmentos são incharacterísticos e demasiado pequenos para se avaliar a qualidade da pasta e do fabrico.

Nas cerâmicas pós-romanas, um fragmento nos chamou a atenção. Trata-se de um bocado de bojo com a particularidade de sido fabricado com uma pasta esbranquiçada e um alto teor de areia. Não sendo a cozedura de grande qualidade, resultou um produto friável com as superfícies levemente rugosas. Apesar da sua escassa dimensão, tudo indica que se trata de um fabrico que pode ser englobado no grupo das cerâmicas do início do período visigótico, já conhecidas na “villa” tardo-romana da Quinta do Paço da Facha (Ponte de Lima).

### 2.3.3 – Casa C33

Esta casa tem forma circular e parede dupla. A pedra de maior tamanho foi colocada na face exterior. A espessura é de 0,45m e, tal

como acontece em outras construções, mistura pedra razoavelmente bem picada com outra sem qualquer tipo de talhe orientado. As pedras melhor desbastadas e picadas encontram-se junto da porta, tanto da casa como do vestíbulo. Nada indica que exteriormente esta casa de habitação tenha sido rebocada. Do antigo terreiro lajeado somente sobrou uma pequena mancha à entrada do vestíbulo.

No interior da habitação há um piso de saibro de muito boa qualidade colocado sobre a penedia. Nele foi inserido um bloco de granito, em forma de paralelepípedo, presumivelmente para sustentar o cone do telhado e servir de apoio à lareira (Fig. 6 e 7).

Apesar de não haver uma potência estratigráfica credível fizeram-se três sondagens, tanto no interior como no exterior da casa e vestíbulo.

#### - Sondagem no interior da casa

Esta vala de sondagem abarca cerca de metade da casa, mais concretamente o espaço que medeia entre a parte interna e o poste de sustentação do telhado. Os estratos são somente dois e provam que ela foi construída em sítio arqueologicamente virgem.

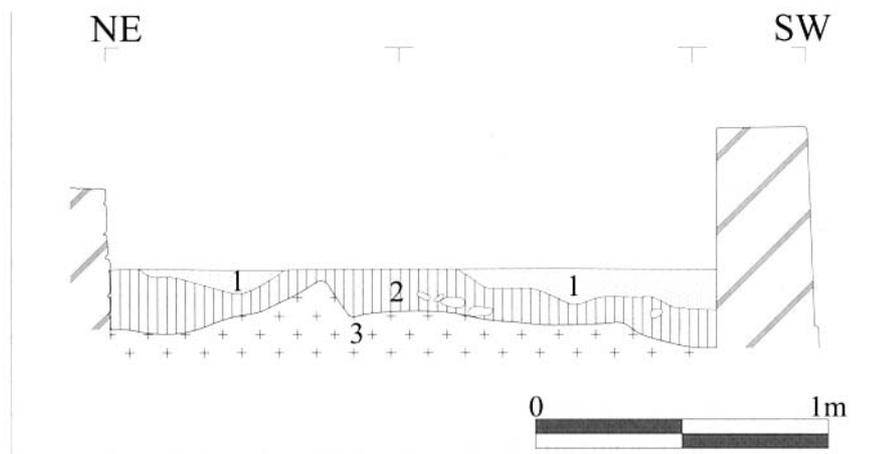


Fig. 6 – Estratigrafia em metade da casa C33

1 - Piso de saibro, compacto, arrancado na parte central. Encosta nitidamente à pedra que sustenta o telhado, mas já não existe junto da parede da casa.

2 - Terra castanho-escura, por vezes bem preta. Antiga cobertura vegetal.

3 - Solo granítico em decomposição.

O espólio desta sondagem é mínimo. Na camada superficial, isto é, na limpeza do piso, recolheu-se o fundo de um *dolium* e no antigo vegetal alguns bocados de ânfora.

#### **- Sondagem no átrio ou caranguejo**

Esta vala de sondagem foi aberta de modo a que a leitura abarcasse, em simultâneo, os muros do vestíbulo e da casa.

Em termos estratigráficos poderemos dizer que a situação é análoga à do interior da casa, pois o piso de saibro encosta aos dois muros e subjacente a ele lá está uma camada de terra castanho-escura, que além de antigo vegetal, também serviu de camada de preparação para o piso. A camada 3, com tonalidade amarelada e textura própria do granito em decomposição, apresenta bem as marcas de ter sido cortada para assentamento dos alicerces dos muros.

O espólio, sendo escasso, tem a particularidade de possuir o bordo de uma Haltern 70 em pasta rosa, o que permiti apontar uma cronologia à roda da 2ª metade do séc. I d.C., tanto mais que ela foi recolhida junto do piso.

#### **- Sondagem no exterior norte**

Através desta vala, aberta no sentido noroeste-sudeste, pretendia-se saber como era o terreno onde ela havia sido construída. Ficou claro que a ela foi construída numa zona anteriormente não edificada e que o terreno se apresentava em declive para Sul (Fig.7)



Fig. 7 - Casa circular com átrio e pedra central para suportar o poste do telhado

Dos três estratos arqueológicos representados, o primeiro é o único que mostra sinais de ter sido parcialmente mexido com a primitiva escavação. Os demais foram respeitados.

1 - Terra vegetal, acastanhada com muitas raízes e pedra.

2 - Terra castanho-escura. É uma camada de nivelamento feita após a construção dos muros para elevar a cota interior e assim facilitar a colocação de um piso.

3 - Camada de terra saibrenta, proveniente da construção do muro da C33 e que lhe enche a vala de fundação.

4 - Solo granítico, já em decomposição, onde foram abertas as valas de fundação.

O espólio apareceu essencialmente junto ao muro e na vala de fundação. Consta de duas dezenas de fragmentos de origem castreja, onde se destaca o bojo de *dolium*, um fragmento de asa de panela

de asa interior e o fundo de um pequeno vaso, tipo copa. O restante espólio é formado por bocados de ânfora de pasta laranja e rosa e de um outro cujo fabrico e pasta apontam para as cerâmicas de transição do castrejo para a época romana.

### **2.3. 2 - Casa C34**

Esta estrutura, de forma sub-rectangular encontra-se no lado oposto. Está ligada à C33 por um muro que define e delimita o espaço familiar.

Tanto quanto deixa perceber a informação estratigráfica, os alicerces foram cavados no granito em decomposição. As camadas têm texturas afins, pelo facto de a mais antiga resultar da decomposição de elementos orgânicos e de a actual possuir ervas e arbustos. Do primitivo piso do edifício restam alguns bocados de saibro compactado que encostam aos afloramentos graníticos que formam o substrato interior.

Funcionando esta camada, como uma mistura do actual vegetal com a antiga ocupação, que não foi totalmente retirada durante as anteriores escavações, fácil se compreende a presença de bastante cerâmica que se distribui entre o fabrico castrejo e a ânfora de origem romana.

Os fragmentos castrejos, todos feitos à roda, são cerca de duas dezenas. Ressaltam entre eles, três bordos, um dos quais de um potinho.

As ânforas têm pastas porosas e coloração amarelada, com desengordurante à base de areia fina; outras têm cor alaranjada. Dos vários bocados recolhidos, destacamos parte de uma asa e de um fundo muito fragmentado e cuja pasta amarelada, porosa e friável parecem pertencer a um mesmo recipiente. Esta situação acabaria por se repetir no alargamento da sondagem à parte exterior do muro (canto SW) onde, num total de 7 fragmentos recolhidos, um é de uma asa em fita com pasta e polimento à boa maneira indígena e as restantes são de ânfora. Entre as pastas alaranjada, rosa e amarelada, o destaque vai para o bocado de uma Dressel 7-11.

Esta sondagem parece confirmar que em determinado momento houve necessidade de aumentar ao espaço habitacional e que alguns dos núcleos foram erguidos numa área arqueologicamente virgem.

#### 2.4 – Sondagem no exterior da muralha

Esta sondagem foi feita na parte exterior da 2ª muralha, precisamente em frente da C83.

A sua importância não está propriamente em novas achegas, capazes de condizer a certas precisões cronológicas, mas na descoberta de uma provável muralha anterior, que se intui no amontoado de pedras e terra patentes no registro estratigráfico. A confirmar-se em nova intervenção esta hipótese, pode então confirmar-se que o sistema defensivo fora, pelo menos, uma vez reformulado e presumivelmente ampliado.

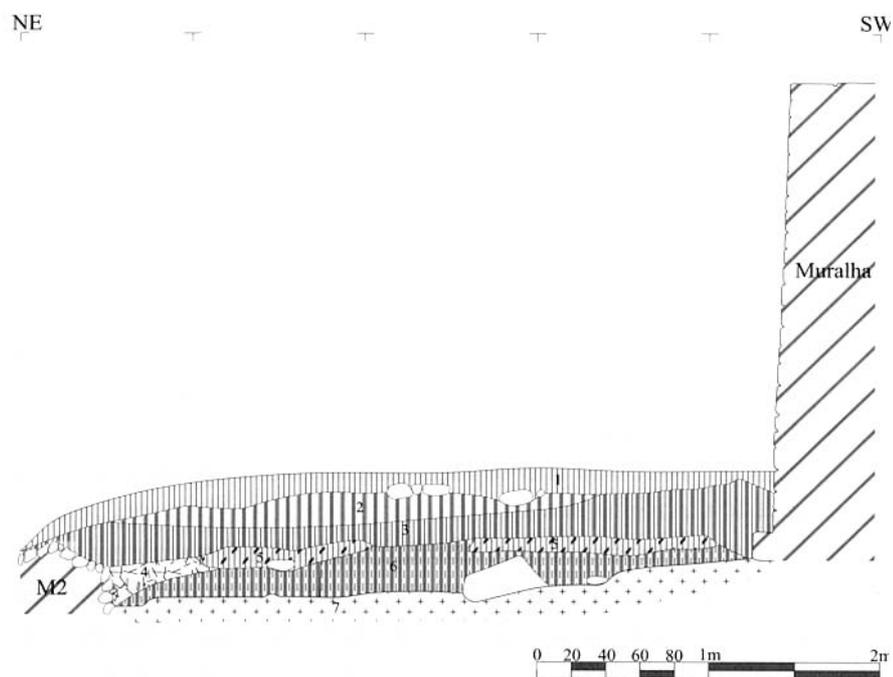


Fig. 8 – Estratigrafia feita no exterior da muralha

As camadas são as seguintes:

1 - Actual camada de terra vegetal com muitas folhas e raízes de mimosas e austrálias. O espólio consta somente de um fragmento de ânfora.

2 - Terra castanho-clara com muita pedra miúda, presumivelmente contemporânea da construção da muralha. Foi nesta camada que foi recolhido o fragmento de uma asa de ânfora, sem características específicas.

3 - Terra castanho-escura onde foi cavada a vala de fundação da muralha 1.

4 - Terra saibrenta, com bastantes lascas de pedra. Foi cortada pela vala de fundação da muralha nº1. Corresponderá objectivamente ao momento em que a muralha 2, a mais antiga, foi construída.

5 - Terra escura e humosa. É a antiga camada de terra que cobria o monte na altura em que a muralha nº 2 foi construída.

6 - Solo saibrento.

À excepção das duas camadas mais superficiais, com materiais misturados, todas as demais foram arqueologicamente estéreis no tocante a espólio.

### **2.5 – Sondagem no interior da C5**

A C5 está localizada na parte mais meridional da área escavada e faz parte do Sector XI. Conjuntamente com as C3, C4, C6 e C78 faz parte de um outro núcleo familiar, já que todas as construções se alinham em redor de um espaço central com entrada pelo lado noroeste.

A limpeza que os então Serviços Regionais de Arqueologia mandaram fazer no interior desta habitação, trouxe-nos provas bem interessantes, ou seja a confirmação que também aqui tinha havido reformulações no interior do castro e que algumas destas casas haviam construídas sobre as ruínas de outras.

A C5 é uma habitação rectangular provida de um meio braço de vestíbulo. A porta está voltada a Poente, os ângulos são relativamente bem esquadriados e tinha um piso de saibro bem calcado, só a vegetação tem-no vindo a desagregar. Por debaixo deste havia um outro, sobre o qual havia funcionado uma lareira, decorada, de saibro avermelhado e sinais de queimado na parte superior. Do lado direito da porta conserva parte de um muro que terá exercido as funções de caranguejo. É provável que seja o que resta da primeira habitação, aquela que estava relacionada com a lareira decorada.

O espólio é escasso, mas retrata dois ambientes culturais distintos. À ocupação mais recente pertencem dois fragmentos de ânfora de pasta rosa e mais alguns, poucos, fragmentos castrejos entre os quais sobressai o bordo de uma panela de asa em orelha, de pasta castanha, superfícies alisadas e fuliginosas. À ocupação mais antiga pertencem somente fragmentos castrejos que, sendo feitos à roda, não estão cronologicamente distantes dos outros.

### **3 - Cronologia das áreas sondadas**

Todas as sondagens realizadas naquela data no castro de Santa Luzia resultam em conclusões similares. As estruturas pertencem à última grande reorganização do povoado, mas debaixo daquelas há indícios de casas anteriores. O mesmo pode dizer-se do sistema defensivo, pois há indícios de poder ter havido uma muralha em pedra que foi desmantelada quando se construiu uma outra.

A reorganização espacial feita neste povoado no câmbio da Era veio alterar significativamente o quadro habitacional existente e acabou por ordenar, de um certo modo, a equilibrada anarquia que reinava no interior da cintura de muralhas. Nasceram as unidades/núcleos familiares delimitados por muros, havendo o cuidado de as ordenar em função das ruas, para as quais as entradas estavam voltadas. Foi nesta altura que se construiu o famoso núcleo familiar murado, feito com aparelho helicoidal. O que ali está, no presente é

um misto de realidade e de reconstrução feita no começo do séc. XX por pedreiros orientados por Félix Alves Pereira (Fig. 9).



Fig. 9- Núcleo familiar feito com aparelho helicoidal

Com a divisão ortogonal, ficou mais fácil circular no interior do povoado. A única rua que verdadeiramente se conhece, tem um traçado quase rectilíneo e uma largura variável, mas que não permitia, de modo algum, o trânsito carrário. Simplesmente a circulação a pé, com as cargas às costas ou à cabeça. Era uma espécie de *decumanus* onde entroncavam certos *cardus* menores.

Apesar de não haver elementos de datação, muito seguros, tudo parece apontar para uma longa diacronia habitacional. Algum do espólio das antigas escavações aconselha uma longa diacronia, realidade ou ficção que estas sondagens não vieram desmentir ou tão pouco confirmar. Afinal a clara "*tendência para a ortogonalidade*" (Almeida, 1990, 230), continúa a ser o elemento mais consistente, quando apoiado com estações congéneres. O que aqui acontece não é inédito, pois está por demais claro na Cividade de Âncora, em Carmona, em Santa Tecla, em Briteiros, em Terroso, em Bagunte, no Monte

Mozinho e em Sanfins. Com alguma reserva consideramos, que a introdução de ruas no tecido urbano, a adaptação de algumas casas às novas tendências e a disposição/distribuição das estruturas por núcleos familiares aconteceu ao longo do séc. I aC e eventualmente ter acontecido já na vigência dos governos de Augusto e Tibério. Desta mesma altura será a remodelação do sistema defensivo.

### **Bibliografia:**

- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, ER, 7/8, Viana do Castelo, 1990.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - *Povoamento Romano do Litoral Minhoto entre o Cavado e o Minho*, Vila Nova de Cerveira, 2003.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de - *A exploração do sal na costa portuguesa a Norte do Rio Ave. Da Antiguidade Clássica à Baixa Idade Média*, in I Seminário Internacional sobre o Sal Português, Porto, 2005, p.137-170.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - *Paganismo – Sua Sobrevivência no Ocidente Peninsular*, in *Memoriam António Jorge Dias*, Lisboa, 1974, p. 17-37.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - *Cerâmica Castreja*, in *Revista de Guimarães*, Vol. LXXXIV, Guimarães, 1975.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - *Escavações no Monte Mozinho*, II, Penafiel, 1977.
- ALMEIDA, Carlos A. Ferreira de - *Território Paroquial no Entre-Douro-e-Minho. Sua Sacralização* in *Nova Renascença*, Vol. 1, Porto, 1981, p. 202-212.
- ALPUIM, Maria Augusta D' - *A Montanha Sagrada*, Viana do Castelo, 1989.
- ALVES, Lourenço - *Aspectos da Cultura Castreja no Norte de Portugal*, in *Caminiana*, 3, 1980, p. 105-141.
- BELINO - Albano, *A Cidade Velha de Santa Luzia*, AL de 12-9-1902.

- BELINO, Albano – *Cidades Mortas*, in AP, Vol. 14, Lisboa, 1909, p. 1-28.
- CALDAS, J. - *Archéologie Préhistorique dans le Province de Minho*, CIAAP, 9º, Lisboa, 1884, p. 333-351, il.
- CALO LOURIDO, Francisco - *A Plástica da Cultura Castrexa Galego-Portuguesa*, I e II, Pontevedra, 1994.
- CAPELA, José Viriato – *As freguesias do distrito de Viana do Castelo nas Memórias Paroquiais de 1758*, Casa Museu de Monção/Un. do Minho, Braga, 2005.
- CARDOSO, Fonseca - *Penedo com inculturas, nos arredores de Vianna do Castello*, AP, 3, 1897, p. 170-172, il.
- CARDOSO, Jorge – *Agiolégio Lusitano*, Porto, 2002.
- CARDOZO, Mário – *Machadinhas Castrejas* – Sep. Del Anuário del Cuerpo Facultativo de Archiveros, Bibliotecários y Arqueólogos, Vol. III, Madrid, 1936.
- CENTENO, Rui M. S. - *Circulação Monetária no Noroeste de Hispânia até 192*, Porto, 1987.
- CORREIA, Virgílio Hipólito – *O sitio arqueológico de Garvão e o seu depósito ritual*, in De Ulisses a Viriato. *O Primeiro Milênio a.C.*, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, 1996, p. 101-106.
- COSTA, A. Carvalho da - *Corografia Portuguesa*, 2ª ed., Braga, 1869.
- COURAÇAS, Pedro de Almeida, *Fenis Viannesa ou Vianna Renascida em o Átrio*, Lusa, 3(47), Jul., 1919.
- FERREIRA, O. Da Veiga; FERREIRA, S. Da Veiga; FERREIRA, Fernanda; DURÃO, Simões – *Novas insculturas pré-históricas descobertas na Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo)*, Gallaecia, 6, Santiago de Compostela, 1980, p. 217-227.
- FORTES, José, *As Fíbulas no Noroeste da Península*, in *Portugália*, 2, 1905-1908 p. 15-33.
- GIORDANO, Oronzio – *Religiosidad popular en la Alta Idadd Media*, Editorial, Gredos, Madrid, 1983.

- GONÇALVES, António Alberto Huet de Bacelar – Novos Inéditos de Rui de Serpa Pinto, Sep. Do Boletim Cultural Póvoa de Vazim, Vol. XXVI (2), 1989, p. 467-497.
- GUERRA, L. Figueiredo da – *Memória sobre a antiga Vianna de Santa Luzia*, in Boletim da Real Associação dos Architectos e Archeólogos Portuguezes, Lisboa, 2ª série, 2(10), 1879, p. 158-162.
- GUERRA, L. Figueiredo da – *Limia e Brutobriga*, in AP, Vol. 5, Lisboa, 1900, p. 2-7.
- JALHAY, Eugénio – *Estudos Arqueológicos de Eugénio Jalhay*, Padroado do Monte de Santa Trega, A Guarda, 202.
- LOPES, António Baptista – *Proto-História e Romanização do Baixo Minho*, tese de doutoramento, policopiada, FLUP, Porto, 2003.
- LOPEZ CUEVILLAS, F. – *La civilización céltica en Galicia*, Santiago de Compostea, 1953.
- MOREIRA, M. A. Fernandes, *A Romanização do Litoral do Alto Minho*, Caminiana, 6, 1982, p. 31-96;
- PEREIRA, Félix Alves - *Abitações Castrejas do Norte de Portugal. Uma hipótese da sua reconstrução*, Limia, 1(1), Out.,1910, p. 11-14, il;
- PINTO, R. De Serpa – *A Cidade de Terroso e os Castros do Norte de Portugal*, Famalicão, 1932.
- Ponte, Salette da – *Corpus Signorum das Fibulas Proto-Históricas e Romanas. Portugal*, tese de doutoramento, policopiada, FLUP, 2001, Porto.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *Campanha de Trabalhos Arqueológicos na Cidade de Terroso (Póvoa de Varzim)*, BC-PV, 20(2), p. 305-315.
- SILVA, Armando Coelho Ferreira da - *A Cultura Castreja do Noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.
- SILVA, Possidónio - *Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo)*, BRAACAP, 2ª Série, 2(3), 1877, p. 40-43.
- RÉAU, Louis – *Iconografía del Arte Cristiano*, T. 2 (4), Ediciones del Serbal, 2ª Ed., Barcelona, 2001.

- RIBEIRO, Ana Isabel – *Miguel Ventura Terra. A arquitectura enquanto projecto de vida*, Câmara Municipal de Esposende, Esposende, 2006.
- ROMERO MASIÁ, Ana – *El Habitat Castreño*, Santiago de Compostela, 1976.
- VASCONCELOS, J. Leite de - *Cidade Velha de Santa Luzia*, AP, 8, 1903, p. 15-23.
- VASCONCELOS, J. Leite de – *Religiões da Lusitânia*, Vol. III, Lisboa, 1913.
- VIANA, Abel - *Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho*, ADVC, 1, 1932, p. 11-24.
- VIANA, Abel - *Estudos do Alto Minho. Habitações Castrejas no Norte de Portugal*, Limia, 14, 1914, p. 14-17.
- VIANA, Abel - *Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)*, Zephyrus, VI, Salamanca, 1955, p. 61-88.
- VIANA, Abel - *Algumas Lições Elementares de Arqueologia Prática*, Beja, 1962.
- VIANA, Abel; OLIVEIRA, M. de Sousa - “*Cidade Velha*” de Santa Luzia, RG, 64 (1-2), 1954, p. 40-72.
- VIANA, Abel; OLIVEIRA, M. de Sousa, *Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)*, CNA (III), Galicia, 1955, p. 541-551, il.
- VIANA, Tomaz Simões - *A Árvula de Santa Luzia*, AM, 1, 1935-38, p. 36-37, il;
- VITORINO, P. - “*Cidade Velha*” de Santa Luzia (Viana do Castelo), Portucale, 2, 1929.